

TEMPO DE QUARENTENA: MORTE E VIDA ANUNCIADAS

QUARANTINE TIME: DEATH AND LIFE ANNOUNCED

TEMPS DE LA QUARENTAINE: MORT ET VIE ANNONCÉES

Larissa Ornellas

larissa.ornellas1@terra.com.br

Doutora (Universidade Paris VII)

Pós-doutorado pelo Réseau Mondial Serge Moscovici

Maison des Sciences de l'Homme.

Docente da UNEB

Maria de Lourdes Ornellas

ornellas1@terra.com.br

Doutora e Pós-doutorado (USP)

Docente da UNEB

RESUMO

O artigo: *tempo de quarentena: morte e vida anunciadas* é constituído de base teórica inscrita pelo enlace entre alguns conceitos psicanalíticos e a abordagem processual da teoria das representações sociais. O artigo apresenta alguns mecanismos de defesa no intuito de amenizar o sofrimento físico, psíquico e social que acomete o ser humano face a um cenário pandêmico. A particularidade desta crise é ser planetária, mundial na medida em que a crise atravessa fronteiras, barreiras culturais, econômicas, políticas, sociais e afetivas e coloca o sujeito face a sua inexorabilidade, sua impotência, sua finitude. O Covid-19 é o nome do sintoma social, efeito do mal-estar na civilização, faz inscrição e laço no discurso social. É esse mesmo laço que rege o discurso capitalista, o gozo pelos excessos produzidos no sistema, quando comanda o sintoma social que faz padecer a humanidade. Em tempo da

17

quarentena maturamos o exercício de se pensar a consigna sanitária de « ficar em casa », esta nos obriga a olhar para a condição de ser da falta, essa nos é constitutiva, posto que somos prisioneiros de nós mesmos, e do outro ao qual nos alienamos. Diante da atualidade e complexidade do fenômeno, faz-se preciso observar o desenrolar dos fatos, na tentativa de costurar um tecido social a partir dos fios soltos das experiências subjetivas vividas que vão se elaborando no *après-coup* da realidade fenomênica atual marcada pela ressignificação dos ciclos da vida.

Palavras Chaves: Pandemia. Covid-19. Discurso Social. Subjetividade. Ciclo Vital.

ABSTRACT

The article: quarantine time: announced death and life is constituted by a theoretical basis inscribed by the link between some psychoanalytical concepts and the procedural approach of the theory of social representations. The article presents some defense mechanisms in order to alleviate the physical, psychological and social suffering that affects the human being in the face of a pandemic scenario. The particularity of this crisis is that it is planetary, worldwide as the crisis crosses borders, cultural, economic, political, social and affective barriers and places the subject in the face of his inexorability, his impotence, his finitude. Covid-19 is the name of the social symptom, the effect of discomfort on civilization, makes inscription and bond in social discourse. It is this same bond that governs the capitalist discourse, the enjoyment of the excesses produced in the system, when it commands the social symptom that makes humanity suffer. In quarantine time, the exercise of thinking about the sanitary slogan of “staying at home” matures, this compels us to look at the condition of being of lack, this is constitutive, since we are prisoners of ourselves, and of the other to the which we alienate. In view of the current and complex nature of the phenomenon, it is necessary to observe the unfolding of the facts, in an attempt to sew a social fabric from the loose threads of the lived subjective experiences that are being elaborated in the *après-coup* of the current phenomenal reality marked by the re-signification of the life cycles.

Keys words: Pandemic. Covid-19. Social discourse. Subjectivity. Life cycle.

RÉSUMÉ

L'article temps de quarantaine: mort et vie annoncées est constitué d'une base théorique inscrite par le lien entre quelques concepts psychanalytiques et l'abordage processuel de la théorie des représentations sociales. L'article présente quelques mécanismes de défense dans le but d'alléger la souffrance physique, psychique et sociale qui touche l'être humain dans ce scénario pandémique. La particularité de cette crise est d'être planétaire, mondiale dans la mesure où elle traverse des frontières, des barrières culturelles, économiques, politiques, sociales et affectives: elle met le sujet face à son inexorabilité, son impuissance, sa finitude. Le Covid-19 est le nom du symptôme social, effet du mal être dans la civilisation, fait inscription et le lien dans le discours social. C'est ce lien même qui régit le discours capitaliste, la jouissance par les excès produit par le système quand il régit le symptôme social qui fait subir l'humanité. En temps de quarantaine nous murions l'exercice de penser dans la consigne sanitaire de "rester à la maison"; celle-ci nous oblige à nous regarder comme étant des êtres du manque qui nous constitue, puisque nous sommes prisonniers de nous mêmes et de l'autre dont nous sommes aliénés. Devant l'actualité et complexité du phénomène, il est temps d'observer le déroulement des faits dans la tentative de coudre le tissu social à partir des fils lâchés des expériences subjectives vécues qui se élaborent dans l'après-coup de la réalité phénoménique actuelle marquée par la resignification des cycles de la vie.

Mots Clés: Pandémie. Covid-19. Discours Social. Subjectivité. Cycle vital.

*A maior riqueza do homem
É sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito [...]
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros
Eu penso renovar o homem usando borboletas*

Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo nos remete a pensar em alguns mecanismos de defesa no intuito de amenizar o sofrimento físico, psíquico e social que acomete o ser humano face a um cenário pandêmico.

Pandemia, uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada, palavra de origem grega, usada pela primeira vez por Platão no sentido genérico, refere-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar expressivo número da população. Trata-se de uma endemia de grandes proporções, que se espalha por vários países tal como ocorreu durante a Gripe Espanhola, no período entre janeiro de 1918 a dezembro de 1920.

A definição de endemia corresponde à propagação de uma nova doença em um número elevado de humanos, sem imunização adequada para tal, em uma região pontual ou específica. Já a pandemia, diz respeito a uma doença que se alastra em escala mundial, em mais de dois continentes. Enquanto a endemia se esboça como o aumento de casos por um pico e em seguida uma queda, a pandemia é a epidemia que ocorre ao redor do mundo aproximadamente ao mesmo tempo. (SANTOS, 2020a; 2020b) Alguns fatores são determinantes e podem ser delineados: a miséria social, falta de saneamento básico e água tratada, ingestão de alimentos de risco, poluição atmosférica, condições climáticas adversas, fenômenos psicossociais, dentre outros.

No que concerne ao Coronavírus, a classificação pela Organização Mundial de Saúde(OMS) postula que a gravidade não está na doença em si, mas na disseminação geográfica rápida com a qual o vírus tem se apresentado. “A OMS tem tratado a disseminação em uma escala de tempo muito curta,” segundo Tedros Adhanom, diretor geral da OMS, quando declarou a mudança de estado da contaminação de epidemia para pandemia. (REI, 2020).

Os boletins quase que diários advindos dos órgãos oficiais de saúde, mostram a báscula observada entre os casos letais e aqueles que são passíveis de cura: morte e vida anunciadas na trama da condição humana.

TEMPO DE QUARENTENA

O tempo imposto pela pandemia do Covid-19 pode ser compreendido numa visão dialético filosófica como matéria-prima da vida. Dizer isso parece um contrassenso, contudo quando nos damos conta da nossa estúpida e inefável existência, nos defrontamos face a um real, inexorável que nos coloca diante da nossa própria finitude. Assim, aprende-se que a constante luta contra o tempo cronológico na lida cotidiana é uma realidade com a qual, muitas vezes, não apreendemos o sentido dado a cada uma das nossas vidas.

A crise que ora enfrentamos no atravessamento da pandemia pode se constituir como um momento fecundo de reflexão; é no nó do conflito que crescemos mais um pouco como sujeito humano. Em alusão à crise, tomamos a imagem do caule do bambu como uma bela metáfora capaz de refletir na sua constituição a ideia dos nós, ou seja, o filamento do bambu cresce quando consegue ultrapassar o nó que se imprime em cada segmento do caule. Dentro da própria substância do nó, encontra-se a semente para o crescimento. Não há transformação possível sem atravessamento de paradigmas. Essa metáfora do bambu e seus nós ancora-se num livro chinês: Tao Te King através destes versos do original em francês com tradução nossa (TSEU, 1994), que descrevem no pensamento oriental o rumo, a via, como caminho de vida inexorável.

O Rumo
Sempre sem nome e natureza
Malgrado sua insignificância
Ninguém no mundo pode o escravizar
Se somente barões e príncipes conseguissem segurá-lo
Os dez mil seres chegariam em homenagem

Céu e terra uniriam seus influxos
E desceria o suave orvalho
O povo sem que lhe peçam
Se ordenaria dele mesmo

Às vezes, é preciso saber parar, retirar-se para dentro de si, para atingir os fundamentos da vida, as verdades íntimas.

A particularidade desta crise pandêmica, diferentemente, de tantas outras que a história da humanidade atravessou, é ser planetária, mundial. A crise atravessa fronteiras, barreiras culturais, econômicas, políticas, sociais e afetivas ; coloca o homem face a sua inexorabilidade, sua impotência, sua pequenez, seu paradoxo, face as forças atávicas da natureza que se manifesta ferozmente, dizendo ser o homem o seu próprio lobo, ou seja, ao tempo que ele pode produzir o *pharmacon* como remédio, pode igualmente produzir o *pharmacon* como veneno letal (HEDEIGGER, 1991). Pode-se pensar que a particularidade dessa pandemia que paralisa o mundo e convida o homem a retirar-se em casa, constitui-se um sinal de alerta premente a desintoxicação dos seus próprios excessos.

A economia capitalista neoliberal atingiu um tal grau de degradação que as catástrofes naturais, que vêm acontecendo no planeta devido ao superaquecimento global, não são suficientes para fazerem o poder instituído rever esse ideal de onipotência. Assim, um microrganismo invisível aos olhos chega ameaçando a sua integridade física, colocando-o face à sua própria finitude. O estado de angústia engendrado pela impotência, em relação ao controle do vírus, atinge o homem na sua libra de carne, no dizer de Lacan (2005), ou seja, o sujeito tem que ceder, consentir em perder essa libra de carne, pedaço de si que funciona como moeda de troca com o Outro o que coloca o sujeito como um resto de ser.

O Covid-19 é o nome do sintoma que faz inscrição no discurso social e, como todo discurso, sua função primeira é fazer laço. Esse mesmo laço que rege o discurso capitalista a um mais de gozo pelos excessos produzidos no sistema, comanda também o nome do sintoma social que faz padecer a humanidade pela revelação do furo, do buraco aberto, do irrepresentável perante a impotência humana de dar uma solução rápida e imediata na mesma velocidade das acumulações e acelerações que o próprio discurso do capitalismo selvagem engendrou.

Dessa maneira, os processos de polarização, fomentados pelo discurso capitalista, revelam que o produto da ação humana nesse contexto não consegue encontrar a boa dosagem entre remédio e veneno. O que explica que a natureza humana tenha perdido o bom senso na justa medida da dosagem para que o *pharmakon*, a droga, não se torne veneno? Parece que duas guerras mundiais nas quais milhões de vida foram sacrificadas não foram suficientes, as pestes que assolaram a humanidade também parecem ter sido esquecidas, pois o homem, na sua voracidade egóica, esquece-se da história passada, da sua ancestralidade e vive neuroticamente infantilizado por uma ilusão de presente permanente como se nada pudesse o retirar do pedestal das suas pequenas vaidades mundanas. Qual a explicação para que apenas ante às crises que vêm ameaçar a sua integridade física o fazem colocar minimamente de volta às questões fundamentais da sua existência?

Uma breve digressão para falar dos discursos é referenciado pela psicanálise, ciência do bem dizer e os concebe, inseridos no capital de saberes. Nos últimos anos dos seus estudos, Lacan (1992) estabelece um jeito teórico sofisticado ao publicar quatro algorítmicos que nomeou de Quatro Discursos. Esse estudo é considerado um dos aportes mais potentes da psicanálise, posto que interessa no que o sujeito produz em sua articulação com a ordem social. O teórico formulou sua concepção tomando como

premissa: trata-se de “um discurso sem palavras” o que não difere da estrutura básica de todo discurso. São quatro algoritmos, mas UM:

O discurso do mestre (e seu derivado, o do capitalista), o da universidade, o da histeria e o do analista.

Não vamos discorrer sobre os quatro discursos, mas nos interessa agora falar do discurso do mestre como aporte para o entendimento do discurso do capitalista.

Nesse sentido, vale destacar os algoritmos sobre o discurso do mestre:

$$\begin{array}{cc}
 \mathbf{S1} & \mathbf{S2} \\
 \hline
 \$ & a
 \end{array}$$

Nesse que é o discurso por excelência, o mestre ou o governante (S1), apoiando-se e camuflando sua subjetividade castrada, sua falta (\$) subverte o discípulo, que tem verdadeiramente o saber (S2), para fazer produzir objetos (a) para o próprio gozo e usufruto do mestre. Eis o discurso que no campo da educação se nivelaria ao saber-fazer (ou saber-fazer o outro fazer, que muito dificilmente poderia corresponder ao saber-fazer com o seu próprio sintoma.

$$\begin{array}{cc}
 \$ & \mathbf{S2} \\
 \hline
 \mathbf{S1} & a
 \end{array}$$

Extraído diretamente do discurso do mestre, sendo uma modalização do mesmo ou uma forma de ser do mestre pós-moderno, o capitalista ou o sujeito que faz uso do capital e nega sua falta (\$), apoia-se nos significantes primordiais que a sociedade oferta (S1) e demanda de outros saberes (S2) que devem ser convertidos em produção de objeto (a) para seu próprio gozo, fazendo-o fixar-se, coisificar-se ou igualar-se ao próprio objeto que consome.

Eis o discurso que no campo da educação pode se nivelar a uma antiga prática, mas igualmente, ao mais contemporâneo dos saberes: o saber-consumir.

O discurso é apresentado como um deslizamento do discurso do mestre, como um discurso que não faz laço social e mascara a castração. Os algoritmos acima evidenciam como os dois imperativos de gozo- “produza” e “consuma” – operam nesse discurso e destaca os efeitos que provocam no sujeito consumidor

É verdade que Freud já havia nos advertido que a natureza humana trazna sua essência um certo grau de perversão. Freud não acreditou numa índole altruística do humano, ao contrário, sempre constatou a natureza individualista e egocêntrica do humano como valores essencialmente ligados à pulsão de autoconservação, ou a libido do eu, antes de lançar-se na libido dos investimentos objetais. Para tanto, o acesso à sublimação na produção da cultura, às belas ideias, para retomar uma expressão platônica, implicaria um verdadeiro trabalho de elevação espiritual. Na obra, O Mal-Estarna Civilização, Freud (1927-1931, p. 88) explicita, de maneira remarcável, nesta passagem o que falamos anteriormente:

No processo de desenvolvimento do indivíduo, o programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação da felicidade, é mantido como objetivo principal. A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado. Talvez fosse preferível que isso pudesse ser feito sem essa condição. Em outras palavras, o desenvolvimento do indivíduo nos parece ser um produto da interação entre duas premências, a premência no sentido da felicidade, que geralmente chamamos de ‘egoísta’, e a premência no sentido da união com os outros da comunidade, que chamamos de ‘altruísta’. Nenhuma dessas descrições desce muito abaixo da superfície. No processo de desenvolvimento individual, como dissemos, a ênfase principal recai sobretudo na premência egoísta (ou a premência no sentido da felicidade), ao passo que a outra premência, que pode ser descrita como ‘cultural’, geralmente se contenta com a função de impor restrições. No processo civilizatório, porém, as coisas se passam de modo diferente. Aqui, de longe, o que mais importa é o objetivo de criar uma unidade a partir dos seres humanos individuais. É verdade que o objetivo da felicidade ainda se encontra aí, mas relegado ao segundo plano. Quase parece que a criação de uma grande comunidade humana seria mais bem-sucedida se não se

tivesse de prestar atenção à felicidade do indivíduo. Assim, pode-se esperar que o processo desenvolvimental do indivíduo apresente aspectos especiais, próprios dele, que não são reproduzidos no processo da civilização humana. É apenas na medida em que está em união com a comunidade como objetivo seu, que o primeiro desses processos precisa coincidir com o segundo.

A noção de trabalho, como a noção de civilização elucidada por Freud nessa citação acima, traz a ideia de um investimento libidinal para o externo, para o mundo. O trabalho no sentido antropológico do termo expressa sentido a existência humana, como também favorece, a tendência do homem, à adaptação a uma comunidade. Pelo trabalho, o homem transforma, muda de posição, constrói, se dignifica na sua ação pelas virtudes que ele produz. O trabalho na sua acepção mais simples produz mudanças para o bem daqueles que agem em prol de si, do outro e do social. Quando a dimensão do trabalho engendra uma lógica acumulativa de desvalorização do outro em benefício de um bem-estar puramente egocêntrico, as discrepâncias e incongruências do sistema aparecem com seus consequentes processos de clivagem e polarização.

Destarte, inferimos que o desequilíbrio homeostático entre pulsão de vida (*eros*) e pulsão de morte (*thanatos*) encontra-se na incapacidade da condição humana de perpetuar o acesso aos fundamentos essenciais da existência por ficar preso às posições infantis arcaicas de posse dos objetos como se eles fossem extensões do seu próprio ego corporal. Estamos operando na linha tênue da história de vida e da história da morte.

Diante de um sistema neoliberal globalizado que engendra uma economia de mercado produtora de excessos de objetos, o homem contemporâneo termina por fazer um retorno ao arcaico infantil, ancorando-se em posições egocêntricas de posse, como se sua existência pudesse ser determinada pela materialidade dos objetos que possui e não pela sua capacidade de elevar suas pulsões de vida ao estatuto das causas nobres da

existência humana, ou seja, o respeito ao outro em prol de uma vida coletiva, e a construção de um bem social comum a partir da partilha de uma economia solidária e menos acumulativa em prol de uma minoria.

A pandemia do Covid-19 através do seu efeito de real, ameaça à vida humana, obriga, por sua vez, a economia planetária a paralisar, desvelando de forma contundente a crise do mercado neoliberal. Os processos de polarização evidenciados nas políticas institucionais revelam os mecanismos perversos de concentração de renda marcados pelo neoliberalismo global. Os efeitos psicossociais da pandemia nas diversas culturas e nacionalidades vão imprimindo suas marcas. Percebemos um ar de guerra no imaginário social, com a máxima do “salve-se quem puder”, observamos aumentar mecanismos nacionalistas de fechamento de território, exclusão do que é estrangeiro a si, efeitos psicossociais impressos nas geopolíticas locais desde o nível macro sistêmico ao nível micro sistêmico. Os países vão, assim, fechando suas fronteiras e protegendo suas populações, dirigidas por representantes que, na sua grande maioria, parecem mais preocupados com a gestão orçamentária do crash do mercado financeiro do que com as vidas humanas.

No Brasil, o senso comum diz ser uma doença produzida pelos ricos que por terem acesso a viagens internacionais trazem o vírus para a população local, na sua grande maioria, habitada por uma classe social desfavorecida que agora também se encontra desfavorecida no combate e na prevenção da doença.

A pandemia revela uma outra dimensão dos paradoxos socioeconômicos no que se refere à desigualdade na distribuição das rendas: a classe favorecida cria meios de praticar a regra planetária do confinamento em condições relativamente favoráveis, enquanto a classe desfavorecida é exposta às aglomerações das regiões suburbanas precarizadas e conglomeradas as colocando em maior vulnerabilidade frente à pandemia. Ao

fim de algumas semanas de confinamento, a classe favorecida regida pela lógica umbilical que lhe é peculiar, representada na sua grande maioria por uma classe média em certa medida alienada, consome e faz girar a economia e ainda se pergunta: o que fazer com a população de baixa renda contaminada que ameaça, por sua vez, recontaminá-la? Como suportar pagar seus assalariados que trabalham em casa na ausência de seu olhar de empregador? O espírito individualista da classe média, alienada e paralisada pelo medo da doença, pensa o isolamento social muito mais pela ótica de uma proteção a si e do seu clã familiar que à proteção de um coletivo.

Quando precisávamos de respostas no momento em que estávamos mobilizados para lutar, resistir, organizar, manifestar-se às ruas, por uma nação brasileira menos clivada pela lógica da polarização, houve uma torção, mudaram-se as perguntas, convocando-nos a fazer a troca imediata de lugar pelo ato da reclusão. Portanto, em meio a esse cenário, a pandemia vem furar o véu de alienação social que impede o sujeito contemporâneo a pensar sobre os efeitos perversos de gestão do capital financeiro e da economia de mercado globalizada. Os representantes políticos ficam em última instância, como reféns desse sistema, pois na realidade, estão, subliminarmente, agenciados na engrenagem do aparelho político do mercado financeiro neoliberal responsável por ditar seus modos de funcionamento.

De fato, parece estarmos regidos pela tecnocracia médica, por um grupo de experts ditados pela Organização Mundial de Saúde(OMS) que dirige os protocolos gerais de tratamento, os quais devemos seguir para figurar nos padrões científicos globais, mecanismos que vêm favorecer os grandes laboratórios farmacêuticos acumuladores de somas faraônicas de *pharmacons*, anestesiadore da capacidade crítica de ler o mundo por uma lente mais singular, respeitando as diferenças humanas.

O empuxo a uma economia neoliberal de mercado esgarçada pela lógica da perversão das acumulações e acelerações imprime como efeito do seu desfuncionamento estas discrepâncias sociopolítico-econômicas em forma de grandes crises, desta vez com a nomenclatura de pandemia – Covid-19, nome do mal-estar contemporâneo global. Nesta crise, não há prevalência de classes na escolha da vida, não há escolha de gênero, raça, sexo, religião ou status social, a doença é democrática! Portanto, não seria ela, por si só, uma boa e bela razão para repensarmos nossas práxis no mundo, nas trocas sociais e na economia planetária?

A economia neoliberal ficou refém de si mesma, ela, que outrora aboliu fronteiras, agora, viu-se condenada a retirar-se em casa. Pode-se afirmar que esses tempos sombrios bordejados de incertezas e imprevisibilidades nos afetam de forma contundente. A angústia se apresenta pela descontinuidade da denegação do que vai ocorrer amanhã. O humano começa a pensar e fazer ilações: o que vai ocorrer com minha vida, minha existência? Como será o meu futuro?

Nota-se que as agendas ficaram obsoletas, posto que os compromissos foram postergados, esse é mais um fenômeno que gera angústia, ou seja, a falta de representação temporal face ao inexorável da potência invasiva do vírus. Passado o grande filme de terror, o que faremos desta experiência? Como as sociedades, famílias e pessoas ressignificarão esta travessia do deserto na qual o mais importante parecia ser: ter uma morada, comida na mesa e a própria manutenção da vida. Escutamos aqui e ali, a máxima: “viva cada novo dia como único”. Por ora, ainda não temos respostas para essas questões, como dizemos em psicanálise, os processos de ressignificação diante de um conflito, acontecem no “logo depois”, precisamos estar fora da pandemia para percebemos os efeitos que ela imprimirá para a humanidade.

Enquanto isso, maturamos nesses tempos, o exercício, muitas vezes, difícil, de retirar-se para dentro de nós e alcançarmos os nossos furos, a nossa castração. A consigna sanitária de “ficar em casa”, nos obriga a olhar para a nossa condição de seres da falta, essa nos é constitutiva, somos prisioneiros de nós mesmos, e do outro ao qual nos alienamos. O real do perigo que ameaça a vida é por si só uma experiência de castração, isto é, remetemo-nos diretamente à nossa própria finitude. A crise da pandemia Covid-19 nos coloca face ao espelho de nós mesmos, sem maquiagem, sem adereços e sem artefatos porque estamos todos « despidos » das indumentárias sociais, e nos encontramos em casa fazendo uso de objetos que nos são essenciais. Não há nascimento sem dor, no sentido em que o nascimento do Outro Simbólico não se faz sem o defrontar-se com a condição de sermos mortais, finitos, faltantes. Precisamos “morrer” para “nascer de novo”

Podemos de fato falar de isolamento social ao pé da letra? Pensamos que não, pois a linguagem virtual das novas tecnologias digitais nos faz entrar em comunicação com o outro, com o mundo. Mas o interessante a ser analisado neste fenômeno do uso intenso das redes durante a crise, através dos diversos aplicativos e plataformas de comunicação, é que aparentemente o conteúdo das mensagens que pretendemos comunicar ao outro são menos superficiais, as trocas de mensagens trazem conteúdos narrativos mais fundantes, aqueles que tocam o sentido da existência, o compartilhamento das belas e boas práticas, o íntimo sagrado de cada um de nós que desejamos compartilhar com o outro. Isso para quem, de alguma forma conseguiu em certa medida fazer este retiro para o seu próprio templo interior. Uma outra posição do sujeito contemporâneo diante da pandemia, é se ver tomado e alienado pelo bombardeio de *fakenews*, tornando-se vítima do discurso midiático de conteúdo inócuo que ainda tenta funcionar em eco à selvageria do mercado neoliberal na manipulação de informações a serviço do capital global.

Presenciamos nesse contexto, a espetacularização do fenômeno no cenário internacional. Uma outra questão ainda emerge nesse panorama, as trocas ditas sociais por meio dos recursos da comunicação digital são mesmo experiências sociais? É justo pensar que a hiperconexão em tempos pandêmicos reiteram a ilusão de que estamos nos comunicando, mas no fundo, profundamente sós, encapsulados nas nossas bolhas virtuais, visto que desencarnados, quer dizer, a falta da dimensão corporal na sua tridimensionalidade indaga a legitimidade do que entendemos por espaço social.

Qual o nosso lugar e a nossa posição como pesquisadores da Teoria das Representações Sociais? Essa teoria é considerada nos seus princípios tomando como referência o conhecimento emancipado, levando-se em conta os fenômenos simbólicos advindos da vida cotidiana, o sujeito construído socialmente e através da linguagem oral e escrita o que observa, pensa e sente sobre um objeto específico. A implicação de Moscovici com o senso comum mostra que esse saber é profícuo na organização da vida cotidiana, é também outro tipo de conhecimento além daquele pré-estabelecido como válido e pertinente em algumas concepções clássicas científicas. “O senso comum para (GRAMSCI, 1999, p.113) é a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio”. Moscovici(2003) ratifica a definição de senso comum afirmando que:

O conhecimento comum é a essência do nosso universo consensual; compreende os significados culturais e históricos das nossas experiências e atividades. É um conhecimento rico, altamente diversificado e específico de cada contexto. No universo consensual a sociedade torna-se a si própria visível, é inovadora, possui voz, age perante o mundo respondendo ao mesmo tempo e incita as alterações no mundo (MOSCOVICI, 2003, p. 323).

Se por um lado, o Coronavírus toma carona na fragilidade do orgânico do corpo humano, por outro, a pandemia imprime o estilo circense em que o

espetáculo é exibido no picadeiro contemporâneo, representando as diversas facetas de como o homem contemporâneo vem reagindo frente à crise, numa balança entre tentativas derrisórias de ocultamento do real sentido da existência humana na terra e uma possível morte anunciada. A teoria das representações sociais interessar-se-ão pela experiência, pelo vivido. Nos perguntaremos então, que elementos das representações compartilhadas serão mobilizados na construção do sentido dessa experiência vivida? Que transformações na representação de si este destino acarretará? Onde estas estariam ancoradas?

Denise Jodelet no seu livro « Representações Sociais e Mundos de Vida », publicado em 2017, no Brasil, no qual reúne uma série de pesquisas em diversos campos da teoria das RS, dirá no seu trabalho que o lugar da experiência vivida nos processos de formação das representações sociais que « a apreensão das representações em contextos espaço-temporais específicos pede um exame mais circunscrito e apurado dos seus processos de produção e da sua eficácia completa no campo social » (JODELET, 2017. p 431), devido à sua complexidade no campo da regulação dos comportamentos e das comunicações. Nesse mesmo trabalho, a autora acrescentará que:

a noção de experiência está em estreita ligação com a de senso comum, na medida em que remete – de Dilthey e Husserl até as correntes pragmáticas contemporâneas – à atitude natural que se desenvolve no que chamamos « mundo de vida » (*Lebenswelt*), que também é um mundo comum, intersubjetivo, mediatizado pela linguagem. Podem-se distinguir grosseiramente nela *duas dimensões*: uma de *conhecimento* e outra da ordem do *experimentado*, da implicação psicológica do sujeito. Essa distinção, é explícita em alemão, que propõe duas designações para a experiência: *erfahrung*, experimentação sobre o mundo, e *erlebnis*, experiência vivenciada cujo conteúdo é indissociável dos afetos que suscita. (JODELET, 2017, p. 433-434).

Diante do exposto, é indubitável que o fenômeno social Coronavírus vem produzindo representações sociais fecundas a serem trabalhadas no campo da escuta de como o senso comum irá resignificar essa experiência vivida.

Como Pollack (1990) mostrou em seu livro sobre o relato de mulheres que escaparam aos campos de extermínio a experiência vivida em “situações limites” permitem dar visibilidade ao fenômeno identitário, frequentemente encoberto pela realização das rotinas no contexto da vida cotidiana (Goffman, 1991). (JODELET, 2017, p.437).

Em efeito, o fenômeno da pandemia Covid-19 se constitui como situação limite, pois presentifica e reitera a linha divisória da vida e da morte, fazendo o homem contemporâneo sair da sua rotina cotidiana e isolar-se fisicamente em casa, o que, por sua vez, remete aos processos identitários fundamentais como, por exemplo, os fundamentos da sua existência humana, o sentido da vida, suas prioridades e escolhas.

Há que se analisar, igualmente, um outro aspecto que nos parece fundamental, o fenômeno da pandemia como realidade compartilhada mundialmente atualiza a discussão do que é de fato considerado fenômeno social já que esse implica interação coletiva, encarnação, isto é, presença de corpos fisicamente em interação. Se a pandemia engendra pelo seu efeito de realidade, uma máxima higienista de que na impossibilidade de descobrir até o momento um *pharmakon* para controlar a propagação do vírus. Preconiza-se que o confinamento ou isolamento físico, seja a única saída encontrada para um controle imediato da situação, implicando que, isoladas fisicamente, as pessoas não estão interagindo coletivamente em real presença de corpos, porém unicamente, através dos recursos da tecnologia digital, criando uma falsa ilusão de interação.

Diante da atualidade e complexidade do fenômeno, observaremos no decurso do processo, o desenrolar dos fatos, na tentativa de costurar um tecido social a partir dos fios soltos das experiências subjetivas vividas que vão se ressignificando no *après-coup* da realidade fenomênica atual.

Em ressonância com as palavras de Manoel de Barros que epifraseia este artigo, concluímos o escrito corroborando com o poeta, que a maior

riqueza do homem é mesmo a sua incompletude, a pandemia é tempo de elaboração subjetiva do quanto precisamos da dimensão da alteridade e da diferença para nos fazermos humanos, capazes de entrar em constante metamorfose : de casulo a borboleta, do singular ao coletivo, inscritos nos processos de ressignificação dos ciclos da vida.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund (1927-1931). **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos - Volume XXI - capítulo VII.** In : Obras Completas ; Imago Editora, Rio de Janeiro.

GRAMSCI, Antônio. **Introdução ao estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

HEIDEGGER, Martin (1889-1976) – **Conferências e escritos filosóficos/ Martin Heidegger** ; tradução e notas Ernildo Stein. – 4ed. – São Paulo : Nova Cultural , 1991.

JODELET, Denise – **Representações Sociais e mundos de vida.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas;Curitiba :PUCPress, 2017.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 17.** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro. Zaar (1969-70/1992)

LACAN, J. **O Seminário. Livro 10.** A angústia.. Rio de Janeiro. Zahar, 2005

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OMS. **Meu herói é tu.** IASC, 2020.

REI – COVID-19 passa de epidemia para pandemia: entenda a diferença. Disponível em<<https://www.rfi.fr/br/mundo/20200311-covid-19-passou-de-epidemia-para-pandemia-entenda-a-diferen%C3%A7a><acesso em 18/05/2020



e-ISSN: 2177-8183

SANTOS, BOAVENTURA, S.S. Entrevista. disponível em <<https://jornalistaslivres.org/boaventura-de-sousa-santos-moro-e-o-candidato-dos-eua-para-2022/>>acesso em- 18/05/2020(a)

SANTOS, BOAVENTURA, S.S. A trágica transparência do vírus. In: **A cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020(b).

TSEU, Lao - **Tao Te King**, Traduction Claude Larre, Paris, DDB, Les Carnets, 1994. Capítulo 32.